

Entre “rios”: espaço, viagem e identidade em *Imagens do* *Brasil*

Rodrigo César Dias¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo propõe um estudo a respeito da relação entre espaço, viagem e identidade na obra *Imagens do Brasil*, do jornalista e deputado teuto-brasileiro Karl von Koseritz. Composto por 94 relatos de viagem, assinados entre 14/04/1883 e 11/11/1883, o volume apresenta uma narrativa da partida do Rio Grande do Sul rumo ao Rio de Janeiro, alongando-se sobre a experiência do autor na Corte. Busca-se entrever, neste trabalho, as maneiras como Koseritz, ao narrar o cotidiano fluminense ou ao rememorar seu passado, representa a si mesmo. Destacam-se, nesse sentido, os movimentos de comparação estabelecidos pelo viajante entre as pátrias adotadas (a Alemanha onde nascera e o Brasil onde se naturalizara) e entre os “rios” representados, seja no eixo geográfico (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul), seja no eixo temporal (Rio de Janeiro do presente x Rio de Janeiro do passado e Rio Grande do Sul do presente x Rio Grande do Sul do passado). Para tanto, mobilizo o mapeamento realizado por Ottmar Ette (2008) acerca dos lugares do relato de viagem e do conceito de fricção, cunhado pelo pesquisador, para pensar em como se dá a constituição identitária desse narrador-viajante na oscilação entre eu-narrador e eu-narrado.

Palavras-chave

Karl von Koseritz. *Imagens do Brasil*. Viagem. Espaço. Memória.

¹ Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculado à linha de pesquisa Literatura, Sociedade e História da Literatura.

Em *Literatura en movimiento*, Ottmar Ette (2008) caracteriza o relato de viagem como “aquela forma de escritura literária e científica na qual o escrever talvez tenha mais consciência de sua referencialidade ao espaço, sua dinâmica e sua necessidade de movimento” (ETTE, 2008, p. 23, tradução minha)². Entretanto, o autor pontua, em seguida, que, paradoxalmente, mesmo no estudo acerca dos relatos de viagem questiona-se pouco sobre seus lugares e/ou espaços. A partir dessa interrogação, a presente leitura propõe um estudo a respeito da relação entre espaço, viagem e identidade na obra *Imagens do Brasil*, de Karl von Koseritz.

O volume compreende 94 relatos, originalmente publicados no *Koseritz’ Deutsche Zeitung* e na *Gazeta de Porto Alegre*, que versam sobre a viagem realizada pelo autor em 1883, tendo como ponto de partida o bordo do navio “Rio de Janeiro”, que deixava o porto de Pelotas em 12 de abril rumo à cidade do Rio de Janeiro. Ao longo de sete meses de jornada, além dos relatos acerca de sua estadia no Rio, Koseritz reporta, ainda, as paradas pelo litoral brasileiro, contando com um breve retorno ao Rio Grande do Sul, que é apenas aludido, e com uma passagem por São Paulo após a despedida do Rio de Janeiro.

Posto isso, busca-se entrever, neste trabalho, as maneiras como o autor, ao narrar sua experiência na Corte ou ao rememorar seu passado, representa a si mesmo. Nesse sentido, ganham destaque os movimentos de comparação estabelecidos pelo viajante entre as pátrias adotadas (a Alemanha onde nascera e o Brasil onde se naturalizara) e entre os “rios” representados, seja no eixo geográfico (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul), seja no eixo temporal (Rio de Janeiro do presente x Rio de Janeiro do passado e Rio Grande do Sul do presente x Rio Grande do Sul do passado). Para tanto, lanço mão do mapeamento realizado por Ette (2008, p. 26-42) acerca dos lugares do relato de viagem e do conceito de *fricção*, cunhado pelo autor para pensar em como se dá a constituição identitária desse narrador-viajante na oscilação entre eu-narrador e eu-narrado.

Um breve excursão biográfico

² Na edição consultada: “aquella forma de escritura literaria y científica en la cual el escribir quizá tenga más conciencia de su referencialidad al espacio, su dinámica y su necesidad de movimiento”.

Nascido em Dessau, capital do ducado de Anhalt, a 7 de junho de 1830, Karl von Koseritz chega ao Rio de Janeiro em 1851 como grumete do veleiro “Heinrich”, “que transportava parte dos 1900 soldados e 52 oficiais componentes da ‘Legião Alemã’ que o Império mandara buscar para sua luta contra Rosas” (CARNEIRO, 1959, p. 8). Entretanto, como muitos outros integrantes da tropa – que viriam a ser conhecidos como *Brummers*³ –, Koseritz abandonou a Legião após chegar ao Rio Grande do Sul, estabelecendo-se em Pelotas no ano de 1852, depois de uma breve passagem pela cidade de Rio Grande. Após enfrentar diversas privações, encontrou na figura de Telêmaco Bouliech um protetor, conseguindo começar a trabalhar como professor particular, guarda-livros e, finalmente, ingressando no jornalismo (CARNEIRO, 1959, p. 9). Ainda em Pelotas, casou-se com a brasileira Zeferina Maria de Vasconcelos em 1855, mudando-se para a cidade de Rio Grande no mesmo ano, onde trabalhou como redator e se envolveu em disputas locais. Por conta desses conflitos – que vieram a se materializar em agressão física sofrida pelo jornalista –, o casal se viu forçado a se mudar para Porto Alegre em 1864.

Na capital da província, Koseritz assumiu a direção do *Deutsche Zeitung*, colaborando, ainda, em vários outros jornais – “alguns do Partido Liberal, outros do Partido Conservador, outros ainda apartidários como a *Gazeta de Porto Alegre*” (CARNEIRO, 1959, p. 10). Apesar dessa participação fluida entre veículos de imprensa alinhados a partidos políticos concorrentes entre si, o autor se pautava por uma agenda política liberal, posicionando-se contra o regime escravocrata, contra o latifúndio e tendo como questões centrais em sua atuação o incentivo à imigração, a defesa da pequena propriedade e a preconização da laicidade do Estado.

Koseritz incentivava a naturalização de colonos alemães como um meio de eles poderem se inserir na política, assim como o fez, sendo eleito deputado nas eleições provinciais de 1882. Em 1883 participa da fundação da Sociedade Central de Imigração no Rio de Janeiro, junto a nomes como André Rebouças e Visconde de Taunay, sendo escolhido como um dos presidentes de honra da organização.

Feita esta breve síntese biográfica, podemos partir para uma análise de *Imagens do Brasil*, não perdendo de vista o seu contexto de publicação. Para tanto, foi

³ Conforme Neumann (2011), o termo *Brummer* – “o que causa barulho, zunido” (KREUTZ, 1991, p. 22 apud NEUMANN, 2011, p. 110) – pode se referir ao fato de esses alemães serem “resmungões e questionarem o que se lhes oferecia. Ou, então, se chamam os mercenários de *Brummer* pelo barulho que faz na mesa o patacão pelo qual trabalham” (NEUMANN, 2011, p. 110-111).

empreendido um retorno às fontes primárias por meio da consulta às edições do *Koseritz' Deutsch Zeitung*, tendo por objetivo o contato com a materialidade do jornal e o levantamento de informações acerca da circulação do periódico.

Do jornal ao livro

Parte do processo de pesquisa que subjaz à presente leitura também se configurou enquanto deslocamento, ainda que no sentido de se revisitar o passado por meio do contato com a materialidade do jornal. Tal movimento, entretanto, foi limitado pela fronteira da linguagem, visto que os textos, publicados originalmente em alemão – e em tipografia gótica – na imprensa⁴, chegaram às mãos de um leitor que não domina o idioma. Por conta dessa limitação, não serão abordadas as possíveis alterações realizadas no texto em decorrência da edição e da transposição do jornal para o livro.



Figura 1: Cabeçalho. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 28 abr. 1883, p. 1
Fonte: ACERVO BENNO MENTZ, DELFOS/PUCRS.

O *Koseritz' Deutsche Zeitung* (1881-1906) era publicado às terças, quintas e sábados, tendo, em 1883, uma tiragem de 1.050 exemplares. A folha era vendida exclusivamente sob regime de assinatura – semestral ou anual para Porto Alegre (custando 5\$000 ou 10\$000, respectivamente) e anual para o resto do Brasil e para o exterior (custando 12\$000 e 14\$000 respectivamente). As edições pesquisadas do jornal dispunham de quatro páginas em formato *standard*, tendo seu conteúdo distribuído, de modo geral, da seguinte forma: na primeira página eram alocados artigos mais extensos, geralmente versando sobre política, e, no rés-do-chão, eram publicados romances

⁴ Não nos foi possível ter acesso aos exemplares da *Gazeta de Porto Alegre*, em que, segundo Abeillard Barreto (1972), foram publicados por Koseritz 169 textos em português referentes à viagem ao Rio de Janeiro em 1883.

seriados; na segunda página, eram dispostos textos mais breves, contando com informações comerciais e a *Kleine Zeitung* (a *Gazetilha*, seção com notícias e avisos pontuais); na terceira e na quarta página, por fim, eram alocados anúncios e publicações pagas.



Figura 2: Primeira página. *Koseritz' Deutsche Zeitung*, 29 mai. 1883, p. 1.
Fonte: ACERVO BENNO MENTZ, DELFOS/PUCRS.

Os relatos de Koseritz eram publicados na seção *Aus der Reise* [Da Viagem, em uma tradução livre], cuja periodicidade era variável, sendo condicionada às remessas de cartas realizadas pelo jornalista. Seus textos ocupavam quase toda a primeira página – excetuando-se o espaço reservado ao folhetim –, podendo avançar para a segunda página quando eram publicados dois textos da série em uma mesma edição do periódico. Considerando a localização e o espaço ocupado pela seção no jornal, podemos dimensionar a grande relevância a ela atribuída pelo editor do veículo.

Em 1885 é publicado pela editora de Wilhelm Friedrich, na Alemanha, o volume *Bilder aus Brasilien*, coletânea composta por 94 textos originalmente publicados na *Aus der Reise* e prefaciada por Alfred W. Sellin. Essa edição conta, ainda, com 18 imagens, que consistem em reproduções de paisagens naturais e urbanas (como o porto do Rio de Janeiro), de localidades abordadas nos relatos (como a Tipografia Nacional) ou cópias de ilustrações de indígenas encontradas no Museu Nacional. Sua tradução para o português só viria a ser realizada em 1941, por Afonso Arinos, sendo publicada pela Martins Editora em colaboração com a Editora da Universidade de São Paulo. Salvo engano, ainda não houve uma revisão da edição brasileira, considerando que a edição mais recente de que temos notícia, publicada em 1980 pela Itatiaia Editora (ver KOSERITZ, 1980) herda os erros tipográficos da anterior, além de reproduzir algumas informações equivocadas acerca da bibliografia de Koseritz⁵. Quanto às imagens, a edição brasileira não contempla as ilustrações provenientes do Museu, mas apresenta cinco figuras referentes a localidades em São Paulo que não estão presentes na edição alemã.

Uma cartografia das *Imagens do Brasil*

Para realizarmos uma leitura historicizada dos relatos de viagem de Koseritz, devemos levar em consideração, primeiramente, que seu texto se insere em uma longa tradição de relatos de viagem, o que possibilita a sedimentação de diversos procedimentos como tópicos do gênero; assim, a legibilidade do texto é condicionada pela sua relação com seus arquétipos, abstraídos a partir de longas séries de textos. Segundo Ottmar Ette, “os lugares do relato de viagem têm sido analisados, até agora, quase exclusivamente em seu aspecto referencial e externo ao texto, isto é, em sua realidade extralinguística” (ETTE, 2008, p. 42, tradução minha)⁶. Assim, o autor propõe quatro lugares da literatura de viagem, quais sejam, *a despedida*, *a culminação*, *a chegada* e *o retorno*, situados nos âmbitos intratextual e – incontornavelmente – intertextual.

Despedida

⁵ Na entrada bibliográfica correspondente à publicação de *Bilder aus Brasilien*, consta, por exemplo, que foram escritos apenas 94 artigos para o *Koseritz' Deutsche Zeitung*, quando, conforme a pesquisa realizada para este artigo, foram encontrados 114 textos publicados entre 1883 e 1884 no periódico.

⁶ Na edição consultada: “los lugares del relato de viajes se han analizado hasta ahora casi exclusivamente en su aspecto referenciable y externo al texto, es decir, en su realidad extralingüística”.

Partindo da proposição de Ette (2008), o primeiro relato de Koseritz, assinado em 14/04/1883, a bordo do “Rio de Janeiro”, contempla o lugar da *despedida*, começando com o seguinte quadro:

Página | 38

Depois de uma estada forçada de 8 dias em Pelotas entrei eu, finalmente, a 12 de abril, no navio “Rio de Janeiro”, que devia me conduzir ao Rio. O Porto de Pelotas oferecia, naquele dia, um aspecto muito animado. Mais de 40 navios ali se encontravam e, entre eles, os dois grandes paquetes “Rio Branco” e “Rio de Janeiro”. O “Humaitá” partia para Porto Alegre; o “Mirim” e o “Piratiniim” (antigo “Osório”) eram esperados de Jaguarão e o “S. Pedro” de Rio Grande (KOSERITZ, 1972, p. 1).

Após essa enumeração de embarcações, o autor faz um breve comentário a respeito da “sociedade” a bordo, destacando alguns nomes conhecidos. Entretanto, a atenção de Koseritz voltava-se para a barra, formação geológica situada no litoral de Rio Grande que frequentemente causava transtornos à navegação. No próximo parágrafo do relato temos, contudo, um salto imaginativo que desloca o texto de um registro mais “informativo” para um registro que se volta para a experiência passada do autor:

Como eu me lembro vivamente do dia em que ela [a barra] pela primeira vez surgiu-me à vista e de novo desapareceu! Foi a bordo do velho vapor “Paquete do Sul”, no ano de 1851. Sob temível temporal chegamos à vista da luz do farol, mas perdemos o leme e dois mastros, a máquina não funcionava bem e nós nos perderíamos se os bravos soldados alemães, que se encontravam entre nós, não tivessem feito um leme de emergência e não tivessem conduzido o velho barco, com sua máquina gemedora (cujos cilindros estavam amarrados a corda) de novo para Desterro, onde ficamos 20 dias.

Foi uma noite de terror e angústia para muitos, quando nós, entre o rugido das ondas, procurávamos inutilmente forçar a entrada na estreita barra, e eu penso de novo naquelas várias cenas e naqueles homens estimáveis que então se acercavam amistosamente de mim, principalmente o pobre dr. Khaleis, que conduzia à sua cabine os rapazes mortos de cansaço e encharcados até os joelhos, e lhes dava conhaque, para que se esquentassem (KOSERITZ, 1972, p. 2).

Do distanciamento marcado pelo narrador que inventariava os navios, passageiros e até mesmo os fenômenos geológicos que marcavam o percurso, chegamos à rememoração de uma lembrança remota, reconstituída no presente. O eu-narrador dá espaço para o eu-narrado, que recorda o terror e a angústia experienciados, lançando mão de recursos literários na composição da imagem e tornando-se matéria de seu discurso. Nesse sentido, é oportuno mobilizar o conceito de *fricção*, cunhado por Ette a partir da leitura de Genette (1993), no sentido de que, “entre os polos da ficção e da dicção, o relato de viagem nos leva, melhor dito, a uma fricção, posto que se evita o estabelecimento de

limitações bem definidas, assim como as tentativas de realizar amálgamas estáveis e formas mistas” (ETTE, 2008, p. 42, tradução minha)⁷.

Se retomarmos o lugar da despedida no relato de viagens, conforme a proposta de Ette, observamos que o caráter friccional recebe destaque nesse procedimento. Segundo o autor, essa despedida do “próprio” traz para o primeiro plano a “dimensão das vivências humanas intensas (a posição do eu-narrado)” (ETTE, 2008, p. 43, tradução minha)⁸. No caso de Koseritz, há uma construção peculiar, visto que a *despedida* registrada no presente da narrativa serve como gatilho para a lembrança da *chegada* no passado:

Agora recordo-me do dia em que, atravessando a barra com bom tempo, entramos finalmente em Rio Grande. Que infindável e tristonha impressão me causava a costa arenosa, que se abria diante de nós... O coração se me apertava, e eu não pressentia que esta província, que se me apresentava sob forma tão triste, seria para mim uma segunda pátria, a que eu me apegaria com todo o amor do meu coração e pela qual eu trabalhei como se ela fosse a terra do meu nascimento! (KOSERITZ, 1972, p. 2).

Observamos, pois, uma oscilação temporal da perspectiva narrativa em que o outrora se manifesta no agora, suscitando uma espécie de balanço da vida construída ao longo das três décadas que o autor vivera em sua segunda pátria. Assim, há uma ruptura do caráter “informativo” do relato de viagem, voltado para o plano referencial, operada por meio de uma emergência radical da subjetividade do narrador.

Culminação

Conforme Ottmar Ette, a *culminação* seria o ponto do relato de viagem ao qual o escritor atribui um lugar de centralidade, representado em sua leitura principalmente pelos primeiros contatos com o novo, em que a culminação se poria em cena como surpresa teatral (ETTE, 2008, p. 45-47). Nos relatos de Koseritz, contudo, o ponto de culminação representa menos um encontro com o novo do que um reencontro com o antigo – ainda que modificado ao longo das décadas decorridas desde o contato primeiro.

Às 9 horas descemos para o último almoço e quando deixamos a mesa o Pão de Açúcar estava à vista. Não via há muito tempo este velho amigo, a cujos

⁷ Na edição consultada: “entre los polos de la ficción y la dicción, el relato de viajes nos lleva mejor dicho a una fricción, puesto que se evitan el establecimiento de limitaciones bien definidas, así como los intentos de realizar amalgamas estables y formas mixtas”.

⁸ Na edição consultada: “dimensión de las vivencias humanas intensas (la posición del yo narrado)”.

pés se encontra a nossa antiga caserna da Praia Vermelha, e o encontrei sempre o mesmo. Sim, esses rochedos são criaturas felizes: lá está ele, o estranho pico, tal e qual como há 32 anos. E eu? Alguém que da florida mocidade passou à velhice, e que da juventude guarda somente recordações... Apesar de tudo cumprimentei ao sólido rapaz, sempre inclinado para um lado, como a um amigo querido. Lembrava-me ainda vivamente aquele dia em que a beleza dessa região paradisíaca fez, sobre a minha jovem e fresca sensibilidade, uma impressão impagável. Também a nossa entrada de então, no porto do Rio, veio-me vivamente à lembrança: via de novo os bravos camaradas, que, nas suas blusas, se debruçavam, de cabeças juntas, no convés do velho navio “Heinrich”, e observavam, com olhos prazerosos, a terra de que cada qual tanto esperava. De centenas de gargantas partiu o grito: “Viva a artilharia *brunsileira*”!⁹ Num banco estava o amigo Jansen, homem esbelto e belo como uma pintura, com uma tez de sangue e leite, cuja face imberbe era enfeitada por uma funda cicatriz, recebida na barricada de Elberfeld. Um alegre sorriso brincava-lhe na boca, não lhe faltava confiança em si: ele sabia que havia de fazer carreira, e que muitos pares de olhos encantadores lhe sorririam na terra do Brasil (KOSERITZ, 1972, p. 14).

Nesse texto, assinado em 24/04/1883, já na cidade do Rio de Janeiro, a paisagem novamente funciona como gatilho para o afloramento das memórias, contemplando não só a rememoração da primeira impressão causada no passado pela vista paradisíaca da cidade, mas também a lembrança dos antigos camaradas. Além disso, podemos vislumbrar nesse relato um entrelaçamento entre memória individual e coletiva, representando na remota chegada desses jovens que “olhavam a nova pátria cheios de desejos” (KOSERITZ, 1972, p. 15) a esperança de diversos imigrantes que já viviam no Brasil ou de indivíduos que viriam a migrar para cá.

Novamente há uma irrupção do eu-narrado no relato, que deixa de lado o registro referencial para realizar esse breve mergulho imaginativo, reafirmando o caráter friccional do texto. Em seguida, o narrador enquadra essa breve “fuga” da seguinte forma: “todas estas imagens vinham-me à lembrança, enquanto eu passeava no tombadilho ao lado do ministro [da agricultura], e ele me nomeava as fortalezas diante das quais navegamos rapidamente” (KOSERITZ, 1972, p. 15). Assim, a imaginação brota a partir de um momento de desatenção do narrador ao inventário de fortalezas feito pelo ministro.

Chegada

Ainda no texto assinado em 24/04/1883, Koseritz salienta a ocasião desfavorável em que chegara ao Rio, visto que a cidade enfrentava uma epidemia de febre

⁹ No original consta “*brumsilianische*”, que, conforme nota de Afonso Arinos, trata-se de um “trocadilho intraduzível, alterando a palavra ‘*brasilianische*’ com a introdução do radical do verbo ‘*brummen*’ que define o ronco de um canhão” (KOSERITZ, 1972, p. 14).

amarela; contudo, segundo ele – em um tom um tanto grandiloquente –, “o político é uma espécie de soldado, e deve marchar, ainda que seja para a morte” (KOSERITZ, 1972, p. 16). No entanto, será no próximo relato, assinado em 26/04/1883, que o viajante realizará uma síntese da experiência de estar novamente no Rio de Janeiro, que vem a contrastar com a apreciação da paisagem presente no texto anterior:

A primeira impressão do Rio não me foi nada favorável. A prevenção contra a febre reinante, o calor quase insuportável, numa época em que já gozamos, no Rio Grande, de uma temperatura fresca, as ondas de carros e “bondes”, (carris urbanos, puxados a cavalo), que se cruzam em todas as direções aos 5 e aos 6 de uma vez; o trânsito de multidões de pedestres, o grito insuportável dos pequenos vendedores de jornais, tudo contribui para confirmar as vantagens das pequenas cidades. E não é sem razão que o Rio pode ser interessante, mas não agradável (KOSERITZ, 1972, p. 17).

Ao longo desse texto, o autor expõe o caráter cosmopolita do Rio de Janeiro, destacando as lojas de artigos de luxo e as confeitarias que reuniam a elite intelectual da cidade. Não perdendo a oportunidade de comparar o Rio com o Rio Grande do Sul, Koseritz afirma que “ruas largas e regulares, como a [sic] da nova Porto Alegre ou principalmente da bonita Pelotas, não há muitas no Rio” (KOSERITZ, 1972, p. 17). Além disso, mas ainda no âmbito urbanístico, o jornalista, após relatar que se encharcara por conta de um temporal, comenta o seguinte: “é incrível como, na capital do Império, por uma chuva forte, as ruas e praças se vejam literalmente transformadas em rios e lagos. Porto Alegre não é tão ruim assim...” (KOSERITZ, 1972, p. 19).

Durante sua estadia no Rio, Koseritz teceu uma crônica pormenorizada do cotidiano e da política da Corte, marcados, em sua perspectiva, por um frequente entrelaçamento. O jornalista visitou diversas instituições públicas, como o Museu Nacional, as câmaras, a Casa da Moeda, a Faculdade de Medicina, entre outras, tendo como comensais algumas figuras proeminentes da política brasileira, como Henrique Francisco Ávila, o ministro da agricultura supracitado, e Afonso Pena, que sucederia Ávila em sua pasta após a queda do Conselho de Ministros em maio de 1883 e viria a ser, em 1906, presidente da república. Além disso, Koseritz é recebido algumas vezes por D. Pedro II e por Dona Teresa Cristina nas residências imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis – ocasiões narradas com minúcia em seus relatos – e trava contato com o príncipe Henrique da Prússia, que fazia breve passagem pelo país prestando serviço como tenente da marinha alemã.

Entretanto, o evento ao qual podemos conferir centralidade durante o período de sua estadia é a fundação da Sociedade Central de Imigração. Em uma circular enviada

para ministros, políticos, parlamentares, jornalistas, comerciantes e capitalistas, assinada por Hermann Blumenau, Karl von Koseritz e H. A. Gruber e transcrita no relato de 10/10/1883, os autores afirmam que o Poder Legislativo brasileiro,

depois de ter posto em pé de igualdade com os naturais do país os cidadãos naturalizados e os não católicos, dirige a sua atenção para a grande naturalização e para o casamento civil, duas condições essenciais para a formação espontânea de uma corrente migratória para o Brasil. Mas a ação legislativa não basta. É necessário, fora dela, que seja feita propaganda tanto na Europa como no Brasil. É o que faz o louvável Comitê Central de Geografia Econômica, que, com apoio na sua filial do Império, faz há anos uma extensiva propaganda em favor do Brasil, uma propaganda que já atingiu belos resultados, fazendo convergir para o Brasil a atenção simpática dos centros de emigração. É tempo de semelhante propaganda encontrar apoio do lado brasileiro, principalmente nesta cidade, que concentra a vida oficial do país, por meio da iniciativa privada, pois a sociedade estrangeira a que nos referimos, tem o direito de saber que o Brasil corresponde aos seus esforços com igual atividade (BLUMENAU; KOSERITZ; GRUBER, 1883, n. p. apud KOSERITZ, 1972, p. 204-205).

Desse modo, a Sociedade Central de Imigração teria como propósito o fomento da divulgação da causa da imigração, à qual, segundo Koseritz, as províncias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina deviam o seu progresso. Para tanto, estavam entre os objetivos do órgão reunir estadistas, jornalistas e capitalistas do Brasil que apoiassem a causa e publicar um jornal para difundir sistemática e nacionalmente as vantagens da imigração, bem como para pressionar as câmaras e o Governo.

Esse projeto de imigração, contudo, tocava em questões bastante delicadas nos âmbitos político, econômico e social, visto que se pautava em uma ideia de policultura, na qual os imigrantes viriam a ser pequenos proprietários, e não mão-de-obra para o latifúndio. É curioso que durante sua estadia na Corte – e no mesmo mês em que a Sociedade Central de Imigração foi fundada –, outro visitante tenha chegado ao Rio para discutir questões referentes à imigração. Tratava-se de Tong King Sing, diretor da Companhia Chinesa de Navegação Mercante, que, conforme Rogério Dezem, “visava conhecer melhor nossa agricultura com o intuito de estabelecer uma linha marítima regular entre os dois países” (DEZEM, 2005, p. 102). Apesar do interesse manifestado pelos cafeicultores na imigração de chineses, o projeto não vingou, encontrando ampla oposição na imprensa e na opinião pública em geral, sendo representado recorrentemente como uma nova modalidade de escravidão.

Retorno

No dia 04/11/1883, Karl von Koseritz assina seu último relato em solo fluminense, realizando um breve balanço de sua temporada na Corte, que começa da seguinte forma: “minha última carta do Rio! Se me dissessem há seis meses que a minha despedida do Rio seria quase triste eu teria seguramente sorrido. E no entanto é assim; o homem é de fato um animal de hábitos, que a tudo se habitua, mesmo ao Rio... (KOSERITZ, 1972, p. 233).

Ao contrário do lugar atribuído por Ette ao *retorno* no relato de viagem, as *Imagens do Brasil* de Koseritz não abarcam a chegada ao Rio Grande do Sul, apenas a partida do Rio de Janeiro rumo à cidade de São Paulo, última escala antes de seu retorno para casa.¹⁰ Entretanto, este último relato escrito no Rio de Janeiro apresenta algo que pode ser aproximado ao caráter de consumação do ciclo narrativo próprio do *retorno* assinalado na perspectiva de Ottmar Ette (2008, p. 50-51).

A estada no Rio não foi sem vantagens para mim; vi muita coisa de novo, entabulei numerosas relações, vivi momentos interessantes, minhas vistas se alargaram e pude apreender as coisas como elas são, identificando as molas que dão movimento à máquina governativa. A vida na província, com as deficiências das nossas cidadezinhas, estreitaram minha visão; aqui ampliei o golpe de vista e tive momentos agitados, o que tudo deve dar frutos. Regresso assim renovado e com maiores forças para o velho meio. Muitas coisas que no nosso pequeno mundo de Porto Alegre me pareciam muito importantes são olhadas hoje por mim de forma diferente, e não compreendo como lhes atribuí tanto valor, quando a sua pequenez só devia me suscitar desprezo. Não quero dizer que o meu julgamento sobre o mundo do Rio tenha se alterado; não é isto. Penso agora, como antes, que aqui se respira um ar corrompido, não somente infectado pelo vírus da febre amarela, como, também, pelo micróbio de uma espécie de peste moral. A corrupção é grande e quase geral; e, se o Rio oferece tanta coisa bonita e boa (mas que custa infelizmente dinheiro e muito), é natural que todo mundo corra atrás do dinheiro (KOSERITZ, 1972, p. 233).

Desse modo, há uma disjunção do retorno ao próprio, que se dá a partir do balanço e da reavaliação da relação do narrador para com Porto Alegre suscitada pela experiência de viver no Rio de Janeiro por alguns meses, sem que haja uma coincidência com a localização espacial. O deslocamento se concretiza por meio da comparação entre Corte e província no âmbito discursivo, atualizando a representação de ambos os lugares através de uma dinâmica de reavaliação.

Considerações finais

¹⁰ Koseritz fizera um breve retorno para Porto Alegre ao final de junho de 1883, comentado em quatro relatos assinados nas cidades de Santos, Antonina, Paranaguá e Desterro; o texto imediatamente seguinte já foi assinado na cidade do Rio de Janeiro.

O coração se me apertava, e eu não pressentia que esta província, que se me apresentava sob forma tão triste, seria para mim uma segunda pátria, a que eu me apegaria com todo o amor do meu coração e pela qual eu trabalhei como se ela fosse a terra do meu nascimento! (KOSERITZ, 1972, p. 2).

Retomando este trecho citado anteriormente, é oportuno aqui pensar no termo *segunda pátria*, utilizado no relato, que não redundaria em uma suplantação da *primeira pátria*, mas em uma relação de coexistência entre ambas. Partamos do princípio de que o *Koseritz' Deutsche Zeitung* participa na constituição de uma *comunidade imaginada*, considerando seu horizonte de recepção imediato. Conforme Benedict Anderson, a leitura dos jornais praticada pelo homem moderno

é realizada no silêncio da privacidade, nos escaninhos do cérebro. E no entanto cada participante dessa cerimônia tem clara consciência de que ela está sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de pessoas cuja existência lhe é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida. Além disso, essa cerimônia é incessantemente repetida a intervalos diários, ou duas vezes por dia, ao longo de todo o calendário (ANDERSON, 2008, p. 68).

Seguindo por esta senda, em um plano hipotético, o jornal de Koseritz seria lido três vezes por semana por ao menos 1050 indivíduos fluentes em alemão, sendo que seu público seria formado majoritariamente por alemães radicados no Brasil e por brasileiros descendentes de alemães. Diferentemente do modelo de comunidade imaginada nacional proposto por Anderson, parece mais acertado pensar essa comunidade imaginada específica como uma *comunidade transnacional*, visto que seus integrantes situam-se em uma condição de liminaridade, em um espaço entre-nações.

Deslocando a leitura de Homi Bhabha acerca da globalização cultural pós-moderna para o contexto em questão, podemos pensar na condição dessa comunidade imaginada a partir da noção de *entre-lugar* elaborada pelo autor, caracterizada por enquadramentos duplos: “sua originalidade histórica, marcada por uma obscuridade cognitiva; seu ‘sujeito’ descentrado, *significado na temporalidade nervosa do transicional ou na emergente provisoriedade do ‘presente’*” (BHABHA, 1998, p. 297, grifo meu).

Nesse espaço intersticial, são produzidas identidades híbridas – hifenizadas, conforme Bhabha –, em que podemos identificar dinâmicas de regulação e negociação de “espaços que estão continuamente, *contingencialmente*, se abrindo, retraçando as fronteiras, expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença [...]” (BHABHA, 1998, p. 301, grifo do autor). Com isso não se pretende afirmar que as comunidades nacionais são homogêneas em contraposição a essa

comunidade transnacional, e sim ressaltar o caráter de descentramento identitário-cultural *constitutivo* desta última, que se reflete, por exemplo, no lugar que sua literatura ocupa – ou não ocupa – nas historiografias literárias.¹¹

Após revisitar diversos estudos sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul tendo em vista o nexo entre imigração e imprensa, René Gertz conclui que os autores costumam tratar a imprensa de língua alemã

sob uma perspectiva muito alemã, como imprensa “alemã”, esquecendo-se de que era uma imprensa brasileira “em língua alemã”, onde questões referentes à Alemanha eram tratadas, muito provavelmente, com frequência maior do que em jornais de língua portuguesa. Mas esses assuntos não constituíam a razão da existência desses jornais. A preocupação central sempre foi a realidade política, social, econômica, cultural do Brasil e a inserção de alemães e teuto-brasileiros nessa realidade (GERTZ, 2004, p. 111).

Na percepção de Koseritz, por exemplo, seu periódico estava integrado à “imprensa alemã do Brasil” (KOSERITZ, 1972, p. 205)¹², amalgamando as duas nacionalidades. Estendendo essa categorização à produção do jornalista alemão e brasileiro, podemos depreender que o enquadramento intersticial de suas *Imagens do Brasil* não se restringe à condição de imigrante de seu autor ou ao escopo temático dos relatos, abarcando também o âmbito formal do texto. Por meio da rememoração, despertada sobretudo pelo reencontro com lugares e paisagens que marcaram a experiência do autor, o eu-narrado emerge no discurso do eu-narrador, desvelando algumas das camadas de sua constituição identitária e possibilitando ao leitor breves momentos de navegação por ela.

Referências

ACERVO BENNO MENTZ, DELFOS/PUCRS.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹¹ Gerson Neumann (2011) explora o caráter marginal da literatura teuto-brasileira, situada entre dois contextos, em uma espécie de não-local, visto que não é integrada nem à historiografia literária brasileira, nem à alemã.

¹² No original consta “*deutschen Presse für Brasilien*” (KOSERITZ, 1885, p. 299-300), o que abre margem para um sentido de direcionamento dessa imprensa para um público radicado no Brasil; ainda assim, esse público proficiente em alemão estaria, em boa medida, circunscrito pelas comunidades de origem ou descendência alemã.

BARRETO, A. Bibliografia de Koseritz atinente ao Rio Grande do Sul. In: KOSERITZ, K. **Imagens do Brasil**. Tradução, prefácio e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo: Martins Editora; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CARNEIRO, J. F. **Karl von Koseritz**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959.

DEZEM, R. **Matizes do “amarelo”**: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

ETTE, O. **Literatura en movimiento**: espacio y dinámica de una escritura transgresora de fronteras entre Europa y América. Tradução por Rosa Maria S. de Maihold. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.

GENETTE, G. **Fiction and diction**. Tradução por Catherine Porter. New York: Cornell University Press, 1993.

GERTZ, R. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo (org.). **Imigração & imprensa**. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

KOSERITZ, K. **Bilder aus Brasilien**. Prefácio de A. W. Sellin. Leipzig/Berlim: Wilhelm Friedrich, 1885.

_____. **Imagens do Brasil**. Tradução, prefácio e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. São Paulo: Martins Editora; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

_____. **Imagens do Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Afonso Arinos de Melo Franco. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

KOSERITZ' DEUTSCHE ZEITUNG. Porto Alegre, 1881-1906.

NEUMANN, G. R. A busca por um local? Uma literatura sem lugar definido no contexto brasileiro. **Antares**, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 105-119, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/1218/945>>. Acesso em: 04/08/2018

BETWEEN “RIOS”: SPACE, TRAVEL AND IDENTITY ON KARL VON KOSERITZ’ *IMAGENS DO BRASIL*

Abstract

This article purposes a study concerning the relationship between space, travel and identity in *Imagens do Brasil*, written by the German Brazilian journalist and congressman Karl von Koseritz. Composed by 94 travel reports written between 04/14/1883 and 11/11/1883, the book presents a narrative about the departure of Rio Grande do Sul towards Rio de Janeiro, discursing mostly about the author’s experience in the capital. This paper tries to analyze the ways Koseritz represents himself through the Rio de Janeiro’s daily life narration. Thus stand out the comparisons established by the traveler between their homelands (Germany, where he was born, and Brazil, where he was naturalized) and between the “rios”[rivers] pictured (Rio de Janeiro x Rio Grande do Sul), comparing them in geographical and in temporal scope (past x present). Therefore I use the Ottmar Ette’s mapping about the travel’s report places and his concept of *friction* in order to explore how this traveler-narrator develops his identity in the oscillation between narrator and narrative’s matter’s roles he performs.

Keywords

Karl von Koseritz. *Imagens do Brasil*. Travel. Space. Memory.

Recebido em: 10/05/2019
Aprovado em: 19/12/2019